

Pão, poesia e leitura na infância: o poder dos livros na humanização das crianças

Bread, poetry and reading in childhood: the power of books in the humanization of children

Cyntia Graziella Guizelim Simões GIROTTO¹

Resumo

Trata-se de texto base de uma apresentação oral em mesa redonda intitulada “Um olhar estético e poético para as produções de leitura (literária) e escrita na/para Infância”, durante o Congresso SemiEdu - 2022: (Trans)Ver a vida pelas lentes de uma educação científica, sensível, ética, estética e artística, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá-MT. Nele são discutidas questões relacionadas à leitura literária e escrita na infância e humanização das crianças. Dessa forma, discute-se linguagem, leitura, escrita, literatura infantil e os contextos dos atos humanos a tais concepções relacionados. O debate tematiza a conjugação entre as palavras eleitas para expressar o título: pão como nutrição real e simbólica, leitura, infâncias, livros, crianças e humanização.

Palavras-chave: Educação. Infância. Leitura. Literatura Infantil. Humanização.

Abstract

This is the base text of an oral presentation at a round table entitled “An aesthetic and poetic look at reading (literary) and writing productions in/for Childhood”, during the SemiEdu Congress - 2022: (Trans)See life through lenses of a scientific, sensitive, ethical, aesthetic and artistic education, from the Federal University of Mato Grosso, (UFMT), Campus Cuiabá-MT. It discusses issues related to literary reading and writing in childhood and the humanization of children. Thus, language, reading, writing, children's literature and the contexts of human acts related to such related concepts are discussed. The debate focuses on the conjugation between the words chosen to express the title: bread as real and symbolic nutrition, reading, childhood, books, children and humanization.

Keywords: Education. Infancy. Reading. Children's literature. Humanization.

¹ Livre-docente em Leitura e Escrita pela Universidade Estadual Paulista (2016). Pós-doutorado em Leitura e Literatura Infantil pela Universidade de Passo Fundo (2015). Doutora em Educação pela Unesp (1999). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1995). Pedagoga pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Marília (1992). Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Câmpus de Marília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9600062169250020>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0620-4613>. E-mail: cyntia.girotto@unesp.br

É uma honra e alegria estar neste evento tão brilhante, tanto quanto enriquecedor para todos nós do lado de cá e para as muitas mentes pensantes que não vemos daqui desta tela de um computador, no entanto, que imaginamos, a nós, estarem conectadas entre vozes, sensibilidades e pensamentos.

Começo, assim a minha fala, por uma pequena historieta de grande valor.

Havia um merceeiro que com a sua esposa estava sempre a contar todo lucro da venda de suas mercadorias. Possuía toda a casa e era conhecido como sovina... Com seu porão desocupado, deixa nele se instalar um estudante, daqueles genuínos que gostam de ler e estudar. Também junto deles vivia um duende, a trabalhar em troca de pão. Certa noite, o estudante foi comprar pão, queijo e manteiga, e indignou-se. O merceeiro foi embulhando cada uma das mercadorias por ele escolhida com folhas arrancadas de um livro. O jovem assustado com a situação criada, questiona aquele comerciante, que lhe responde tratar-se apenas de um velho livro, que para nada mais prestava. O estudante inconformado, lê nas folhas arrancadas trechos de bela poesia. “Por favor, pare com isso. Eu compro o seu livro feito para empacotar” – ao que o merceeiro indaga: “Por acaso você tem dinheiro o bastante para isso?” O rapaz deixa, então, as mercadorias e paga pelo livro, já muito rasgado e destruído. Por sua vez, o Duende curioso e incrédulo com o que acabara de ver, ele que comia manteiga e queijo apenas uma vez por ano – só no Natal, seguiu o estudante e foi correndo espreitar pelo buraco da fechadura: “Abandonar o alimento apetitoso por um livro? Trocar, assim, sem pestanejar? Isso, não é possível!” – Pensava ele” E, então, pôde ver: quando o jovem se sentou recostado sobre a velha cadeira de balanço e abriu o livro, houve uma explosão de luz, havia tanta claridade dentro do porão, de uma energia inigualável, nunca antes vista! Muitas cenas foram surgindo e rodavam como num carrossel. Cada personagem era, na verdade, uma estrela brilhante. Ouvia-se ora um canto celestial, ora uma música extraordinariamente bela; sentia-se o cheiro de estonteantes flores; a sabedoria dos sábios, os sabores dos banquetes reais, a tristeza das mães, a saudade dos viajores, o amor dos enamorados, a felicidade das crianças... Ah!!! Tudo pura magnificência; nunca tinha pensado o duende, muito menos visto e sentido algo parecido. Passou, então, todas as noites, pé ante pé, a descer cuidadosamente as escadas da casa até o porão. O bisbilhoteiro se fartava todos os dias, aliás, todas as noites com as ficções, as narrativas poetizadas, as histórias memoráveis de todas as

épocas, de todos os tempos. Um dia, um grande incêndio surge. Toda a rua fica iluminada pelas chamas. Todos procuram salvar o mais importante. A mulher do merceiro guardou os brincos de ouro, que ganhara do marido. O merceiro correu a buscar os papéis de crédito e as promissórias de muitos devedores. E o duende? Ah, o Duende...já no telhado, pensava: ‘O melhor tesouro da casa está a salvo’. O estudante, ao chegar em casa, olhou em meio a fumaça lá no alto do telhado uma criatura agarrada a algo que ainda não divisava. Ao chegar mais perto, viu o duende agarrado ao seu livro de poesias e, assim, tudo compreendeu. O duendezinho, percebendo e tentando compreender aquele olhar, disse em meio a resmungos: “Sabe, eu sempre achei que o pão era a única coisa a me alimentar na vida, mas agora...agora, eu já não sei”. E foi, o duende, perfeitamente humano!

Esta é uma síntese, parte incompleta de uma adaptação livre do “Duende em casa do merceiro”.

O nome de Andersen surgiu aos meus olhos de criança pela primeira vez na capa de um pequeno livro com ilustrações brilhantes, em que a profundidade, a complexidade e a agudeza do escritor dinamarquês tinham perdido – muito provavelmente por um caminho de sucessivas simplificações – a sua riqueza. Mesmo assim, fui conhecendo ‘O patinho feio’, ‘A pequena vendedora de fósforos’, ‘Soldadinho de chumbo’, ‘A pequena sereia’, ‘Polegarzinha’, ‘A roupa nova do imperador’ e mais adiante já quase adulta ‘A princesa e a ervilha’, ‘Os cisnes selvagens’, ‘A Rainha das Neves’... e tantos outros contos e narrativas que, parecia, nem precisávamos ler, porque aqueles que nos precederam leram por nós.

Andersen, considerado o primeiro autor a se dedicar fielmente ao universo das crianças, nome que hoje condecora os melhores da literatura infantil e juvenil pelo prêmio IBBY (International Board on Books for Young People)² - era filho de um jovem sapateiro e uma lavadeira, ambos analfabetos. Todos residiam em um pequeno quarto, onde o pai estimulava as fantasias e o dom criativo do filho, a quem narrava as mais variadas histórias, criando condições para que o garoto Hans aprendesse a ler. Chegou até mesmo a lhe presentear com um teatro de marionetes por ele construindo, com o qual o garoto pôde desenvolver seu conhecimento teatral, mergulhando inclusive no universo de Shakespeare. Quanto amor

² O Prêmio Hans Christian Andersen é considerado o Nobel da literatura, sendo o prêmio de literatura infanto-juvenil mais importante. Nomes de escritores brasileiros como Lygia Bojunga e Ana Maria Machado já foram contemplados com esse prêmio. Roger Mello foi o primeiro ilustrador brasileiro a ganhar o prêmio.

paterno, quanta amorosidade familiar, que faz tanta diferença na vida das crianças, das mais abastadas às mais miseráveis.

Quando tinha apenas onze anos de idade, foi obrigado a deixar os estudos, embora já demonstrasse sua inclinação para a literatura e o teatro, seu pai amado morrerá. Posteriormente voltou a estudar e até a frequentar a universidade com os apadrinhamentos felizes que teve pela vida. Sua produção inicial era destinada a adultos, mas foi com os contos infantis que ganhou notoriedade. Talvez, justamente, por serem tão críveis suas histórias. As dificuldades todas por ele atravessadas na infância lhe deram a oportunidade de ter uma clara percepção das barreiras sociais e da marcante diferença entre as várias esferas socioeconômicas vigentes em sua época na Dinamarca. Esta visão inspiraria, posteriormente, grande parte de suas narrativas infantis e adultas.

Assim, em suas narrativas o autor procurava transmitir modelos comportamentais que a estrutura social de sua época talvez pudesse absorver. Também procurava refletir em seus contos os conflitos instaurados entre os que detêm o poder e os que a eles são submetidos. Hans acreditava profundamente que a igualdade de direitos deveria reger o mundo e a relação entre os homens. O menino Andersen prosseguiu na criação de seus contos para crianças até 1872, ano de seu falecimento, publicando 156 histórias, permeadas pelo humor típico dos habitantes do norte da Europa e uma divertida bondade, sem falar na fina ironia presente também em suas narrativas.

Diante dessa grandiosidade, hoje vejo o quão inadequadas e até ofensivas eram aquelas adaptações de Andersen da minha meninice, porém não impediram que o olhar e interesse de uma menina do sítio, deslumbrada com a biblioteca da tia da cidade, se fixasse, como o de tantos meninos e meninas de minha época, em um elemento essencial da obra do autor, talvez o único aspecto ainda vivo, ante a todas as simplificações a que se viu submetida. Faço referência à exclusão, à expulsão de que padecem suas personagens e a tremenda necessidade de inclusão, que os habita.

Sem dúvida, muitos são os personagens do escritor em absoluta solidão, abandonados, sofridos, todavia são os mesmos, cujo anseio representa um querer ardente: entrar na “festa do mundo”, no “grande banquete da vida” ainda que muita gente sequer pense em reparti-lo (Bakhtin, 2010). Fartar-se do banquete das máximas elaborações humanas parece ainda ser, mesmo quando falamos tanto em direitos humanos, bonança para poucos.

Há, outrossim, forte identificação de muitos de nós e de nossas crianças com os excluídos de Andersen: singulares vivendo entre estranhos, diferentes em um mundo de iguais, invisíveis em territórios naturalizantes e desumanos. Coadjuvantes alheios ao protagonismo das narrativas vívidas, pois como nos diz Bertold Brecht: 'Para quem tem uma boa posição social, falar de comida é coisa baixa. É compreensível: eles já comeram'.

Muitos estão sozinhos sobre o coração da terra, tal qual cisnes em uma comunidade de patos, seres míticos em um mundo nada humano, pobres de toda pobreza em nações gélidas e mesquinhas...ou surgem como 'ETs' entre terráqueos... seus homens, mulheres, animais e crianças são arrancados de seus lugares, jogados às intempéries, expulsos de hipotéticos paraísos, de supostos e concretos privilégios. O que dizer, por exemplo, dos movimentos migratórios no mundo?

O tema das migrações apareceu com força para mim, notadamente, pela literatura. A condição de parecerista do (infelizmente extinto) PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) levou-me a conhecer uma obra fenomenal que fala das migrações de todos os tempos e espaços. 'A chegada' de Shaun Tan da Editora SM, um livro primoroso, que como materialidade se assemelha a um álbum de família, é uma novela gráfica, portanto, é obra constituída apenas de imagens, em que os quadros – à semelhança de histórias em quadrinhos, tecem uma narrativa que o leitor precisa verbalizar. Sem palavras, mas da mesma forma que uma narrativa verbal, se assenhora do conceito "a melhor literatura" e mergulha o leitor em uma experiência estética legítima, o livro possibilita uma participação pessoal e emotiva que se expande para a percepção do coletivo, da sociedade e da condição humana.

Trata-se de uma obra que foge aos temas comerciais pensados para crianças e jovens, a ser abraçada por leitores de todas as idades. Narra o percurso migratório do protagonista, um homem que vive as clássicas adversidades experimentadas por um imigrante, antecedidas pela tensão que determina o abandono da terra de origem em busca de uma vida possível em terras estrangeiras.

Deixando assim, esposa e filha, em sua cidade natal para tentar a vida em um país estrangeiro, após longa travessia, chega a uma terra estranha, onde as pessoas falam uma língua indecifrável, comem alimentos exóticos e convivem com objetos flutuantes e animais quase que bizarros _ todos denotativos na poética das cores e formas em tom sépia, amarelado, com ar memorialístico, dos estranhamentos de culturas. Repleto de

símbolos arquetípicos, como a cauda do dragão que aparece fortuitamente no caminho do protagonista, o livro ressalta aspectos comuns e particulares às histórias de muitos estrangeiros em países distantes, expulsos de seus países pelos mais diversos motivos: guerra, violência, crise econômica e/ou política, perseguições étnicas, trabalho escravo, etc.

Naquele período, carregava, também, a condição de migrante, eu estava em Portugal, entre a tríade Lisboa-Porto-Braga, em um intercâmbio de estudos, pesquisas, participação em evento científico sobre Literatura Infantil, a fim de afinar contatos para futuro pós-doutoramento. Quando desembarquei em terras portuguesas, me descobri brasileira, sul-americana-latina, e fui entendendo que o propalado sonho europeu e neoliberal não era, exatamente, acolhedor. Pura ilusão. Entendi que as fronteiras existem, as concretas e as simbólicas, e que o desejo colonizador ainda tem ecos. Mesmo assim, a minha travessia foi cheia de privilégios, em especial, pelo marco regulatório que me permitia circular naquele território: a condição de professora-pesquisadora como estudante.

Mas a maior marca veio depois. Convido-os a refletir sobre este fato: Um menino. Três anos, ficamos sabendo depois. Ele ficou famoso, realmente muito conhecido. Posso apostar que você lembra o seu nome, mas eu nem preciso contar ainda, basta dizer o que lhe aconteceu: o ano era 2015, a crise era humanitária e o menino morreu. Um pequeno cadáver estendido às margens da praia, foi a imagem que ganhou o mundo – sim, naquele dia de setembro fatídico, ganhamos a macabra recompensa de como vimos produzindo (algumas) vidas. Foi intenso. Virou símbolo. Estátua. ‘Estátua símbolo’ da crise humanitária, da crise migratória, do drama dos refugiados.

Naquele ano de 2015 fomos arrastados por Aylan. Eu o conheci pelo jornal como “Garoto sírio se torna o rosto do drama dos refugiados”, em uma reportagem que contava que sua família se lançou ao mar “para se agarrar a uma chance de vida, mesmo que em destino desconhecido e numa travessia repleta de riscos”. Era mais um caso de morte em busca de chances de vida, mais um caso de fuga em busca de um lugar para ficar. Aylan deu nome e imagem à crise humanitária, que é migratória e é dos refugiados, aqueles que fazem a fuga duas ou mais vezes, são ‘re-fugiados’. A foto do menino morto na praia comoveu e fez questionar a forma como o tema das migrações e do refúgio vem sendo produzido. Provocou abandonar uma cômoda neutralidade: portanto, me comoveu, me fez questionar, me fez pensar, me colocou em estado crítico-reflexivo. Não porque esta história

conte de mim ou dele: ela conta de nós e isso envolve, inclusive, todos vocês. Também não foi porque Aylan seja uma exceção, um caso raro. Ele poderia ter sido só mais um. Mas não foi. Aylan aconteceu.

Aylan Kurdi, esse é o nome dele. Aylan nasceu na Síria e tentava chegar à Grécia, quando morreu na Turquia, depois do bote em que estava com toda a sua família afundar. As ondas do mar em que perdeu a vida o levaram até a praia. De lá, o nome de Aylan ganhou o mundo. Nunca se sabe, exatamente, o que faz um nome ganhar o mundo...sorte, acaso, tragédia? A verdade é que Aylan foi menino branco e sua imagem fez estremecer uma suposta paz humanitária. Suposta. Paz. De alguns. Alguns, porque, acreditemos, a paz não é coisa de todo o lugar e nem de toda a gente.

Os rastros da vida e da morte do menino, pelo menos aqueles que chegaram até nós pelas notícias veiculadas pelos jornais, pelas emissoras de televisão e pela internet, contam de pequenos e grandes choques com o poder. Neste caso, não foram rastros distribuídos ao acaso, ao contrário, foram calculados e distribuídos na medida que interessavam, não a alguém, mas aos fluxos e às forças que vêm produzindo as migrações internacionais como sinônimo de crise humanitária, dentro da qual Aylan nasceu, migrou e morreu. Ao mesmo tempo, a história do menino foi contada como apelo à abertura e ao fechamento de fronteiras, porque os efeitos do encontro com o poder, apesar de todo o controle, de todas as medidas e de todos os cálculos, não são determináveis. Talvez, se ele tivesse sido engolido pelo mar, como outras crianças e outros adultos, jamais o conheceríamos, mas quando o seu corpo na praia virou foto, notícia é tema de debates internacionais, ele pôde aparecer.

E segue aparecendo, também, pelos encontros com poder: às vezes, como nova notícia, se transforma em comoção, indignação e protesto, outras vezes, como pesquisa, e pode até virar literatura. Nesses espaços de encontro (com o poder) o menino reexiste e resiste, por seus rastros: “todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros [...] a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder” (Foucault, 2003, p. 206).

E como é impossível reencontrar e contar a vida do menino, uma vez que só conhecemos partes de sua morte, reinvento-a nos encontros que o encontro com ele provocou. Nosso duendzinho também é um apropriado de seus direitos, convivendo com cultura distinta da sua, é

quase um migrante-refugiado lutando pela sobrevivência, debatendo-se com o seu trabalho-pão.

Na literatura infantil temos belíssimos livros que nos convidam a uma reflexão profunda sobre tal problemática. ‘Migrantes’ da Editora Solisluna, por exemplo, é um outro desses, como ‘A Chegada’, seu título um dos poucos enunciados escritos do livro que agora, diante de vocês, quero me reportar, apontando um caminho para a leitura. Mas é somente pela sequência das imagens que conseguimos penetrar fundo no universo dos personagens, viajando com eles através das páginas e sentindo a intensidade da narrativa criada pela premiada autora Issa Watanabe.

A obra narra a jornada de migração de um grupo de animais antropomorfizados (remetendo a ideia de representação de homens, mulheres, velhos e crianças que aparentam diferentes nacionalidades, tem grande força imagética). Apresenta também um testemunho impactante de todo sofrimento daqueles que deixaram uma vida de angústias e incertezas para trás, em busca da esperança de dias melhores. Migrantes é, pois, um livro silencioso e um poema ilustrado. Nele, realmente a coragem e a esperança são a jangada; em que a empatia e o amor são a salvação.

São histórias como essas das obras ‘Migrante’, “A Chegada” que se enlaçam à crise humanitária que se refere às migrações (hoje, de quase 280 milhões de pessoas, sendo 60 milhões delas, crianças), isto é, que acontecem de 2010 para cá, cujo encontro para mim foi possível tanto pela literatura infantil, quanto pelas crianças e infâncias; e, desse modo, vou procurando tecer com elas modos de pensar a humanização na/com/para a infância partir da poeticidade dos livros neste nosso diálogo aqui no congresso. Tal qual Andersen, os autores contemporâneos de tais obras também denunciam e (re)anunciam as expropriações sofridas pelas pessoas provenientes das esferas econômicas mais baixas. A literatura é assim: traz encontros alegres e tristes, mas concomitantemente, incomoda e faz pensar.

A que lugares nos levam nossos privilégios? A que condição nos leva como, por exemplo, professores? A que lugares da infância, já ocupados, a que lugares não nos deixam ir como professores, mediadores de leitura em prol da humanização das infâncias? Podemos nos perguntar junto com Paulo Freire, Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin... Quais são meus atos responsivos e responsáveis diante deste mundo de tantas mazelas e crises?

E ainda podemos nos perguntar: Quem são as crianças com as quais trabalhamos? De que infâncias falamos? Que preço pagamos? Pagamos um preço muito alto para diminuir nosso contato com a dor dos demais;

acreditamos, muitas vezes, que é melhor não pensar, não saber. Ilusão de insensibilidade? De (auto)anestesia? Imaginamos que ficarmos alheios poderia nos proteger e, sobretudo, poderia proteger as crianças, a infância, nossos filhos. Puro engano. Valho-me da Literatura sempre, da poética não só dos enunciados escritos, mas dos signos visuais, da poética das cores e das formas para perscrutar as ilusões.

Se a literatura nos permite entrar no coração do outro, então, evitá-la nos ajuda a viver anestesiados. A anestesia na leitura se constrói por um caminho de formas fixas, estereótipos que impedem penetrar a superfície dos textos e da vida. Desde este ponto de vista, a indiferença pode nos acompanhar mesmo lendo. Lembremos o poeta pantaneiro, orgulho deste Mato Grosso potente, que sempre esteve no mundo assinando todos os seus atos esteticamente éticos a favor do humano, e indescritivelmente a favor dos criancamentos dirigidos às infâncias.

E, no caso, da progressão da nossa conversa, encontrei-as – as crianças migrantes – primeiro na literatura. Na literatura infantil. Foi assim o meu encontro com Azzi, a protagonista do livro ‘Um outro país para Azzi’ da Editora Pulo do Gato: uma menina que viu sua vida ser mudada pela guerra. Azzi fugiu com os seus pais – fazia frio naquela noite, por sorte a avó lembrou de a vestir com o casaco. Um trecho da travessia foi de carro, e um bem maior em bote que cruzou o mar. Azzi escondeu com ela alguns feijões trazidos de casa, e eles foram muito importantes para que o lugar de destino se tornasse casa também, afinal: “Vida nova, feijões novos”! (Garland, 2012, p. 38).

Mas foi em Cuiabá, pela oportunidade concedida pelos membros do GEPOLEI (Grupo de Pesquisa "Linguagem Oral, Leitura e escrita na Infância"), que tive pela primeira vez contato direto com crianças em busca de novos lares-casa, crianças migrantes cheias de feijões, quase mágicos, nos bolsos: as venezuelanas, para as quais prometi escrever, e assim o fiz quando cheguei à Marília (SP), a partir de uma das visitas às escolas cuiabanas, antes do período pandêmico, instituições às quais fiz questão de conhecer _ como sempre procuro fazer em minhas andanças pelos diferentes brasis. Foram belas aulas de passeio na perspectiva do tateamento freinetiano. Nomes como Maikel, Argenis, Haziél, Kevin, Joseth, Juana, Gladis, Maritza ainda ecoam em minha mente como o sorriso largo de cada uma delas.

Foi o encontro com Azzi e muito mais com Maikel, Argenis, Haziél, Kevin, Joseth, Juana, Gladis, Maritza que tornou possível repensar em Aylan e nas crianças migrantes de novo e de outros modos. Um encontro

alegre agora. Aliás, é com/por encontros alegres que sempre falo e escrevo, na utopia, no devir.

Nas leituras do círculo Bakhtianiano passei a olhar com cuidado para a potência dos encontros. Os corpos (que podem ser diversos: humanos, não humanos, institucionais, linguísticos...) compõem relações em que são afetados mutuamente no movimento do humanismo da alteridade. Um encontro não é o choque entre dois outros, dois corpos diferentes, entre corpos afetantes, é uma troca em que saem sempre outros pelas afecções que refletem ou os afetos que absorvem quando se chocam/trocam. Não são instantâneos, os efeitos se dão no movimento, na potência de agir que o encontro produz. Nos encontros, sempre ao acaso, certos corpos feito palavras, que convêm com os nossos, nos dão alegria: trocas em um encontro alegre, um bom encontro, é aquele que aumenta a nossa potência de falar, agir, sentir; enquanto um encontro triste, um mau encontro, é aquele que decompõe e diminui a nossa potência de ação, nos coíbe, interdita, silencia. Palavras não podem ser ditas. Um encontro não implica em uma questão de soma, um encontro compõe. O encontro é composição de muitas palavras, de muitas vozes: “quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente” (Deleuze, 2002, p. 25). O que dizer do encontro do nosso duendezinho com o jovem estudante? Do duende com o comerciante? Do duende com o livro? Do duende com a poesia?

Para encontrar as crianças e as infâncias migrantes, num primeiro momento recorri ao encontro entre Aylan e Azzi, um menino real e uma menina ‘realpersonagem’ literário. Você pode estar se perguntando se Azzy existe. Sim! Existe. Só não existe o que não traça, não tece, nem cria, no dizer barrosseano do poeta pantaneiro. Azzi existe. Resiste. Reinventa. Quando o pai apresenta a nova casa, um pequeno sobrado com quintal, ela olha para as possibilidades que acompanham os novos começos: “Tem espaço para eu pular corda com a Lucy! – disse Azzi, e pensou: Meu novo lar nunca vai ser igual ao antigo, mas está ficando cada vez melhor” (GARLAND, 2012, p. 34). É assim, a arte existe para que seja possível suportar a vida, ficar cada vez melhor. Como gostaria de ofertar e mediar Literatura de infância às crianças venezuelanas... Ahhhh... se em Cuiabá estivesse, criaria condições para estes encontros felizes. Gostaria de vê-las em descoberta, contenteza e puro maravilhamento, tal qual nosso duendezinho, nutrindo-se de livros em muita poesia!

Pois, afinal, estão em busca de livros-pão, livros-morada.

Um local de acolhida é igualmente encontrado: os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista. Para além do carácter envolvente, protetor, habitável, da leitura, uma transformação das emoções e dos sentimentos, uma elaboração simbólica da experiência vivida tornam-se, em certas condições, possíveis (Pettit, 2009, p. 284).

Ao ler ficções, tornam-se palpáveis as infinitas possibilidades que existem em qualquer situação humana e somos colocados frente ao desafio de escapar da asfixia dos estereótipos, de romper o lugar comum para se deixar entrar nesses seres inventados na complexidade da vida. Quando isso ocorre, estamos ante um livro que nos perturba (temas fraturantes? Andruetto e Marina Colassanti, dizem que não, que a literatura por si só tem que ser assim) e nos serve como casa, como um livro para gente morar...um livro, enfim, verdadeiro como a vida.

É mesmo tudo quanto buscam, um livro-casa, sem saber que buscam, quando estão alheias a este direito! Como, mas como gostaria que todas as crianças expropriadas de seus direitos de meninice pudessem, como qualquer outra criança, ter acesso a enunciados escritos e signos visuais que pudessem fazê-las refletir e sentirem-se encorajadas a viver plenamente suas infâncias, sendo simplesmente crianças ‘perfeitamente humanas’.

Sem saber, mas fruto do testemunho do ato de ler do jovem estudante, foi criado no nosso duendezinho uma necessidade humanizadora, componente fundamental vinculado ao campo das emoções e que fez por isso surgir o sentido da atividade da leitura literária (Leontiev, 1978), o motivo inclusive que o levou a eleger o seu objeto a ser salvo, dentre tantos outros possíveis: o livro.

Pois, então, precisaríamos permitir às nossas crianças tais oportunidades de criarem em si motivos pessoais que as levem a agir na esfera das vivências literárias. Todavia, para isso somos nós, professores, o modelo de leitor experiente, que verdadeiramente pode ser o diferencial. Assim como o jovem estudante teríamos que nos dar em oportunidade de ter uma rotina diária de ler livros, desfrutando e saboreando de suas poéticas inenarráveis, somente sentida pelos genuínos leitores literários, aqueles que ampliam suas fronteiras psíquico-emocionais, inclusive para aceitar as

múltiplas diferenças, sem ser ao outro indiferente. Nós fazemos leitores é no alargamento de nosso repertório de livros lidos que compõem nossas histórias de leituras e de formação leitora, donde reside a base para uma mediação literária inclusiva, para todos, indistintamente. Somos, por isso, aqueles criadores de necessidades humanizadoras.

As crianças reais e ‘reais personagens’ literárias de nossos livros são estas que se sentem em meio a um dilema, tal qual como o duendzinho de nossa história: de qual pão nutrir-se? Estão sozinhas sobre o coração da terra, como já disse e volto a repetir, são como cisnes em uma comunidade de patos, seres míticos em um mundo nada humano, pobres de toda pobreza alheias a necessidades que não ousam sequer pensar existir... longe de concretos ‘privilégios’, que deveriam ser direitos garantidos, inclusive o de alfabetizar-se, de alegrar-se, de leiturizar-se, de literatizar-se, de humanizar-se.

A potência da palavra literária nos disse Maria Tereza Andruetto, renomada escritora argentina, no ano passado, em atividade junto ao nosso grupo de pesquisa PROLEAO (Processos de leitura e escrita: apropriação e objetivação), reside e muito, na possibilidade de nos inquietar, de nos conduzir às zonas inesperadas de nós mesmos. Ela é arte, todos nós concordamos. E porque arte literária, quer seja por enunciados escritos ou visuais dialógicos – distanciada da voz utilitária, monológica e tirana, mas pautada em discurso emancipador (Perroti, 1986) – pode salvar vidas!

Pode trazer para a vida muitas de nossas crianças, levando-as a ocupar cada vez mais lugares inesperados, impensados, mas urgentes e necessários em patamares novos de acesso às bonitezas mais sofisticadas da cultura produzida pelos homens. Pode trazer vida literária e humanização: a um só tempo ensinar o ato de ler por meio do objeto livro de infância, contribuindo para o pleno desenvolvimento das qualidades especificamente humanas (Vygotsky, 1995).

Já aprendemos com as várias tiragens dos folhetins virtuais do NAHUM (Núcleo de Alfabetização Humanizadora), que ao escrevermos, falarmos, produzirmos nossas palavras, o fazemos para sermos compreendidos; já bem aprendemos também que ler é entrar num jogo de negociação de sentidos com os enunciados alheios, que ler é entrar na vida e na língua. Lembremos da menina ‘real personagem’ literária Azzi!

Ninguém no fundo lê sozinho, lemos com uma comunidade de vozes que nos habitam, de palavras outras que vivem em nós, porque é no humanismo da alteridade que forjamos a nossa capacidade de ler. É no jogo

das negociações; no uso da palavra; na conexão com minhas experiências vindas do mundo da vida com as palavras literárias; na mobilização de muitas estratégias de leitura, de inferências, predições, visualizações, sumarizações; no questionamento para valer dos textos; por meio de meu projeto de leitura levado a cabo, diante da necessidade de ler criada, dos sentidos atribuídos... é que lemos a nós mesmos, ao outro, ao mundo, a vida! Enfim, diante de tudo isso e não exatamente nesta ordem, vamos construindo nossas histórias de leituras na assunção de nossa história leitora.

E, se ficarmos em Histórias narradas em uma linguagem amável e inócua em oposição ao literário, ainda assim podemos ser indiferentes... E daí me pergunto: como professores promotores de leitura, o que indicamos, o que ofertamos? Como mediamos?

A escrita, quando é verdadeira, se alimenta da experiência e da coincidência vital de quem escreve; disse-nos também Maria Teresa Andruetto. Somente dessa forma, pode fazer crescer nela mesma e em quem lê, a percepção que a une aos outros para que os outros se tornem visíveis, deixem de ser *o que se deixou para trás*, deixem de ser invisíveis. Saldemos a todos os Maikel, Argenis, Haziél, Kevin; a todas as Joseth, Juana, Gladis, Maritza, agora espero já crianças cuiabanas, senão no papel oficial, ao menos na acolhida literária.

Não são suficientes as palavras bonitas nem a frase cuidada, nem a trama a ponto de transmitir a riqueza de uma subjetividade e quem escreve sabe – ou deveria saber – nos disse, ainda Andruetto, que a linguagem opressora pode ter sua melodia enganosa. Quem escreve compreende (e seu leitor o compreenderá, mais cedo ou mais tarde) que o que se parece com verdades irrefutáveis são construções sociais, vantajosas para uns e prejudiciais para outros e que essas construções podem ser colocadas em discussão.

Toda criança, todo jovem, precisa de uma comunidade que o reconheça, precisa sentir que essa experiência à que pode reconhecer pela leitura (a de um ser humano em outro contexto, em outras condições de vida) poderia ter sido a sua experiência e condições pelas quais poderiam ter sido premiados ou castigados.

Que preço paga a arte quando se separa da sociedade de que faz parte, a sociedade cujas misérias e riquezas a alimentam? ‘As histórias que escrevo são sempre uma extensão de mim mesmo, saem de minha vida’, os vários exemplos dados por Andruetto nos falam disso...Na obra, ‘A Menina, o coração e a casa’, por exemplo, conta-nos sobre sua amiga bibliotecária.

Algumas vezes mais encoberta que outras, a vida de qualquer escritor pulsa por debaixo de suas obras. Toda obra de Shaun Tan, por exemplo, é amiga do exótico e da poesia. Temas densos, experiências emocionais, enfoques políticos e sociais estão presentes nas obras desse artista – como fez com *A chegada*. Não por acaso. Shaun Tan pesquisou durante quatro anos para produzir essa obra – leu biografias, analisou fotos, postais, filmes; entrevistou imigrantes, como o próprio pai que lhe deu a vida catorze anos depois de deixar a Malásia, emigrando para a Austrália.

Com ela, a literatura, inclusive, podemos arriscar a dizer que ‘pensar em um homem é como salvá-lo’, como lembrou Andruetto conosco, por meio de um dos poemas inspiradores de Rodolfo Juarroz. Sua casa não é lugar da casa apenas, do que víamos pela tela, não era somente sala de livros de POEMAS, há segundo ela outros livros e outros lugares de escrita como nutrição em toda a casa. A sua casa é a sua salvação. É literalmente feita de livros e neles ela habita!

Podemos focar na construção de mundos, artifícios cuja leitura ou escuta (sim quando fazemos proferição, quando lemos para o outro, também) interrompem nossas vidas e nos obrigam a perceber outras vidas. A quem se escreve por palavras ou imagens, produz reação a palavra compromisso, uma palavra que, no que diz respeito à literatura, pode emancipar! Toda palavra pode. É uma doação... eu disse na apresentação a ela, quando estive no grupo: Maria Teresa Andruetto é um presente. Sua obra ‘Clara’ é um deleite sem igual.

Mas, o que quer dizer comprometer-se, em literatura? Quando uma escrita é comprometida? Toda obra é a aventura de uma consciência dialogando com o mundo, com outra consciência... em busca de uma verdade pessoal, não dogmática. Na disfuncionalidade, na opacidade e no empobrecimento, um escritor tem algo a nos dizer sobre uma sociedade, um tempo, uma geografia, uma cultura – palavras dela, Andruetto, novamente. ‘A arte não tem sentido se não considerar que se dirige a uma sociedade de que seu discurso se alimenta’. Da discussão da obra ‘Psicologia da arte’ com Vygotsky, e das de Lukács também saímos com esta impressão.

Tudo isso nos lembra que uma obra não se faz somente com palavras e, sem dúvida, a obra de Andersen, com quem começamos a nossa conversa de hoje, não é feita somente de palavras. Alimentado por seu complexo de feiura, pela pobreza de sua infância, o alcoolismo de sua mãe, as múltiplas carências e a tremenda necessidade que teve de ser reconhecido; alimentado – digo – por essa soma de virtudes e mesquinhezes que o habitaram, como

a cada homem ou mulher da face da Terra, seus contos refletem um ponto muito alto de exclusão, em narrativas que, quase um século e meio depois de sua morte, não deixamos de ler, e cujo nome faz jus ao prêmio que recebe o seu nome, como já comentamos.

Andersen dedicou a sua mãe – à extrema pobreza de sua mãe –, por exemplo, o conto sobre a pequena vendedora de fósforos que na última noite do ano, na cidade coberta de neve, acendeu um a um os fósforos que não conseguiu vender. Como sua mãe foi também uma invisível nesta sociedade de desiguais, e como ‘não servia para nada’, foi se alimentando no alcoolismo em que ele a viu se acabar para aplacar o frio.

Hoje sabemos que Andersen é um grande escritor, porque ao olhar para si mesmo, conseguiu ver além de sua condição até descobrir algo que em seu tempo ainda não havia sido expresso ou cuja expressão ainda não havia encontrado sua forma estética.

Necessários são os livros, especialmente necessário o acesso à arte e à literatura como direito inalienável, extensivo a todos os nossos semelhantes, no esforço e na convicção – de acordo com Antonio Candido –, de os incluir no mesmo catálogo de bens que reivindicamos para nós mesmos. Direito de entrega a um universo fabulado, cujo alimento é indispensável para nossa psique, porque assim como não é possível ter equilíbrio emocional sem a fantasia, talvez não exista equilíbrio social sem a literatura.

A leitura e a escrita enriquecem nossa subjetividade porque nos coloca de frente com nós mesmos, no diálogo... nos incitam a dizer a nossa palavra, o nosso projeto de dizer... a fazer perguntas, nos ajudam a pensar e a sentir, nos colocam em xeque, nos permitem aceder-reconhecer a outras experiências, tentar compreender outras subjetividades (a nos sensibilizarmos com a dor alheia), palavra provocadora do encontro genuíno com a ética e a estética. A exploração de uma verdade estética pessoal é o que a arte nos oferece, por isso a literatura não é o lugar das certezas, mas o território da dúvida e não há nada mais libertário e revolucionário que a possibilidade de duvidar, de nos enfrentar a nós mesmos para colocar nossas certezas em xeque.

Compreender outras pessoas e outros povos foi o que tentou a criadora da Biblioteca de Munique, a extraordinária Lepman, a qual criou ponte de livros e de crianças que refletem sobre sua experiência. Foi pioneira em programas de leitura e inspirou e impulsionou pessoas do mundo todo. E por quê? Lepman soube, cedo, que ler o outro ajuda a entendê-lo, E para

isso é preciso escutar. A guerra, a violência, as indiferenças fruto do individualismo a fez ver isso com toda força. Politicamente ativa, consciente de seus privilégios e de suas diferenças, e da obrigação de emigrar de muitos povos e pessoas, a raiz da intolerância de outros, Lepman não cansou de seu propósito de levar às crianças alemãs os livros de diversos lugares do mundo muita diversidade, de modo que, ao entrar em contato com elas pudessem estar mais bem preparadas para a paz, a convivência e a compreensão. Ela entendeu que quem lê a experiência de outro poderia, talvez, compreendê-lo e que, nesse caso, não poderá declarar-lhe a guerra; que se esse outro se torna mais humano, não poderemos tão facilmente fazê-lo desaparecer; colocados pela literatura no lugar do outro, escritores e leitores podemos descobrir as semelhanças que existem entre esse outro e nós mesmos.

Mas, Andruetto não nos falaria de escrever, de ler sobre outros, mas mais precisamente de escrever desde o outro, na alteridade, e igualmente de ler na alteridade! Tentando entrar em seu ponto de vista, porque toda a ‘minha vida depende do outro’, de sua percepção de mundo, de seu coração. Escrever e ler, portanto, desde um outro diferente de nós (e visto em profundidade, todo outro é diferente e único) é em primeiro lugar nos atrever a pensar como ele, a estar, por um momento, em sua pele.

O caminho que propõe a literatura é um caminho de conhecimento desse outro. E nós professores precisamos oferecer a elas, às crianças a poesia da leitura e a leitura em poesias. E a colheita que obteremos na leitura (LITERÁRIA) consistirá em sair da indiferença porque, ao final de um livro, para quem escreve e quem lê, ficam as dúvidas com a complexidade de razões, interesses, virtudes e defeitos de um outro diferente de si, compreendendo que já não seria tão simples desentender-se de sua existência.

Com ela, inclusive, podemos arriscar a dizer que ‘pensar em um homem é como salvá-lo’, como lembrou Andruetto conosco, por meio de um dos poemas inspiradores de Rodolfo Juarroz. Sua casa não é lugar da casa apenas, do que víamos pela tela não era somente sala de livros de poemas, há segundo ela outros livros e outros lugares de escrita como nutrição em toda a casa. A sua casa é a sua salvação. É literalmente feita de livros e neles ela habita!

Gostaria de lembrar que uma parte importante de nossa experiência leitora provém da incompreensão, não compreendemos tudo o que vamos lendo e então isso mesmo, tentar compreender, provoca o esforço de

transitar da leitura de um livro a outro; é assim como temos viajado, os leitores, de um livro a outro, desde os distantes dias da infância até os dias de hoje. Então um bom livro é, talvez, um livro que nos propõe essa dificuldade. Isso é relevante porque muitos livros editados hoje para crianças e jovens estão escritos em uma linguagem e tratam de assuntos extremamente simplificados, de acordo com a linha oficial, o congelado, o previsível, evitando e evitando-nos de pensar.

Assim, a literatura nos oferece seu mistério, porque permitindo-nos entrar em um outro diverso, incluindo-nos em seu mundo e deixando se incluir no nosso, nos abre novas experiências de contato com o sofrimento, com o assombro, a dor, a alegria, o regozijo ou a maldade, ao mesmo tempo em que nos oferece a cura desses sentimentos. Uma vez que as palavras passam pelo corpo e pela alma de quem escreve palavras ou imagens como nos dizem tantos outros, tais enunciados podem pertencer já ao leitor, que mergulhando no mundo das palavras literárias, como que numa corrente interna que vai desde a subjetividade de quem escreve a de quem lê _ numa linguagem precisa, de transparência suficiente, capaz de conduzir o leitor presumido até o mundo que se narra, numa opacidade indispensável como para que se abra a múltiplos sentidos.

Vamos assim, percebendo que a literatura é generosa demais para nós, e profundamente democrática porque nos permite ingressar em seu universo a partir de nossa particularidade, e possibilita a cada um de nós encontrar um caminho próprio entre suas palavras e imagens. Um escritor, procurando uma forma inteligível e altamente condensada para as imagens que persegue, despindo-se a si mesmo, põe a nu aspectos inimagináveis da condição humana. Leva-nos a pensar, ao menos por um momento, de outra maneira. Coloca-nos diante do desafio de tentar compreender uma situação que vai para além de nós, nos propõe identificar-nos, inclusive, com o que repudiamos, para nos obrigar a olhar a partir de outros ângulos, tirando as macias almofadas de nossas sagradas convicções. E se as coisas fossem de outro jeito? Como seria nossa vida se fosse possível viver como esse outro? Só assim é possível perfurar a superfície de tantas versões superficiais da vida (e não podemos nos contentar com elas) como nos chegam através de mil modos de penetração.

Bem, e se toda palavra literária é, assim, tem algo a nos dizer sobre uma sociedade, um tempo, uma geografia, uma cultura, como também já nos ensinaram os integrantes do círculo de Bakhtin, toda obra será a aventura de uma consciência dialogando com o mundo, com outras

consciências, com a consciência do leitor em busca de uma ‘verdade’ pessoal, mas não dogmática. Literatura não é de modo algum o lugar das certezas, mas o território da dúvida e não há nada mais libertário e revolucionário que a possibilidade de duvidar!

Enfim...nós leitores (professores, adultos ou crianças) vamos à ficção para expandir os limites de nossa existência, porque necessitamos conhecer outras vidas e outros mundos, já que as ficções são construções de mundo, instalação de outro tempo e de outro espaço, nesse tempo e nesse espaço em que vivemos. Por isso ensinar a ler por meio da literatura, da experiência literária é vital!!!! Essencial, como diz o nosso mestre Dagoberto Buim Arena “ensinar o ato humano de ler como tudo o que vem junto dele... tudo!”

A literatura infantil faz parte de um grande sistema de controle quando na escola a didatizamos em demasia, mas ao assumir o lugar de enunciar os não ditos, o obscuro e a não-verdade, ela também ultrapassa limites, desloca códigos e arranjos, abre caminhos para a transgressão e a humanização. A literatura não se alia a estruturas fixas do signo – ao repetir, ela também transgride. Faz como Manoel, que transgride e inventa ao desinventar: Desinventar objetos [...] Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição para ser uma begônia [...] usar algumas palavras que ainda não tenham idioma. Repetir, repetir — até ficar diferente (Barros, 2010, p. 300).

Contudo, talvez precisemos fazer destes versos nosso lema: repetir, repetir, para transformar(-se). Dizer, dizer, para recriar(-se). Desdizer, desdizer, para reinventar(-se). Infantizar, infantizar, para criancizar(-se). Ler, ler para livrar(-se). Leiturizar, leiturizar, para literatizar(-se). Poetizar, poetizar, para humanizar(-se).

Gratidão a todos vocês e à literatura infantil. A ela e a todos seus escritores e ilustradores, e ‘reais personagens’, sem o que não seria possível nos tornarmos verdadeiramente humanos!

Referências

- BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8. ed.SP: Editora Hucitec, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia Prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, MICHEL. **Ditos e Escritos IV**. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. pp. 203-222.
- GARLAND, Sarah. **Um outro país para Azzi**. Trad. Érico Assis. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- LEONTIEV, A.N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- PERROTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- PETIT, M. **A arte de ler, ou como resistir à adversidade**. São Paulo, Editora 34, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas (Tomo III)**. Madrid, Visor, 1995.

Recebimento em: 30/06/2023.

Aceite: 05/08/2023.